



SINDICATO DOS  
TRABALHADORES NO  
SERVIÇO PÚBLICO  
FEDERAL DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

**183**

ABRIL 2020

FILIADO À



# TODAS AS VIDAS IMPORTAM!

*Não vamos escolher  
quem vai morrer!*

Págs. 2-8



**FIQUE EM  
CASA** 

**O Coronavírus e  
a questão racial**

Págs. 9-12

[www.sindsef-sp.org.br](http://www.sindsef-sp.org.br)

 /sindsefsp 

11 3106-6402



# TODAS AS VIDAS IMPORTAM!

## Não vamos escolher quem vai morrer!

A demissão do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta era esperada há dias, ainda que fosse considerada mais uma medida irresponsável por parte do presidente Jair Bolsonaro. Foram consecutivos desentendimentos entre eles sobre o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus no Brasil. A dúvida era quem assumiria o cargo.

Em entrevista recente ao Fantástico, Mandetta disse que a população não sabia se escutava o presidente ou o então ministro da Saúde, em relação as medidas de combate ao coronavírus. Já durante coletiva à imprensa, ele falou do “descompasso” entre o ministério e o presidente. Mandetta defendia um isolamento amplo; Bolsonaro queria o fim do isolamento e a reabertura do comércio.

Eles também discordaram sobre a cloroquina para o tratamento do coronavírus. Mandetta alertou para a falta de estudos sobre o tema. A droga tem sido testada no mundo todo, ainda sem resultados conclusivos e em pa-



ralelo a outros antivirais. Entre os defensores da cloroquina está um grupo que até pouco tempo nem acreditava na pandemia. Destacam-se militantes “bolsonaristas” donos de maiores farmacêuticas e distribuidoras de remédio do país. Agora, até o vermífugo Annita já foi noticiado como possível “arma secreta” do governo contra a Covid-19.

Ao anunciar a demissão, Bolsonaro

voltou a falar em histeria em relação ao contágio do coronavírus e apelou, novamente, para a suposta defesa dos empregos: “É direito do ministro defender seu ponto de vista enquanto médico, mas é preciso enxergar a questão dos empregos [...] Eu não separo a questão da vida do emprego”, afirmou.

Na verdade, o presidente não se importa com a vida dos trabalhadores, nem com a manutenção dos empregos, mas sim com a manutenção dos lucros dos grandes empresários e banqueiros. Se a pandemia não for freada, o trabalhador pode perder não apenas o emprego, mas a vida. Emprego de morto é numa vala a sete palmos do chão.

A demissão de Mandetta poderia ter acontecido na primeira semana de abril, o que não ocorreu supostamente por pressão dos militares. Mas, pelo

visto, houve um acordo para a nomeação do novo ministro, o médico Nelson Luiz Sperle Teich. Oncologista e empresário do setor, Teich não tem experiência em saúde pública.

A nomeação de outro médico, assim como no caso do ex-deputado federal e agora ex-ministro Mandetta, não é aleatória. Foi bem articulada com os setores aliados ao governo que querem o fim da quarentena e do distanciamento social adotando a política do “deixa morrer” para lucrar enquanto as mortes ocorrem.

Isso ficou claro na fala do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, em uma reunião online com investidores do mercado financeiro no último dia 4 publicada pelo site Intercept Brasil: “quando você tem um achatamento maior [da curva de transmissão e mortes], você tem uma recessão maior e vice-versa”.



### Expediente:

JORNAL DO SINDSEF-SP - Publicação mensal do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal do Estado de São Paulo - Rua Boa Vista, nº76 - 3º andar, Centro, São Paulo/SP - CEP: 01014-000  
Tel.: (11) 3106-6402 | Site: <http://www.sindsef-sp.org.br> | Facebook e Instagram: @sindsefsp | E-mail: [imprensa@sindsef-sp.org.br](mailto:imprensa@sindsef-sp.org.br) | Jornalistas responsáveis: Fábica Corrêa (MTB 31270/RJ) / Lara Tapety (MTE 1340/AL)  
Coordenou esta edição: Eliana Maciel | Projeto Gráfico / Diagramação: Lara Tapety | Impressão: LTJ Editora Gráfica Ltda

**FISCALIZE AS CONTAS O SEU SINDICATO! ESSE DINHEIRO TAMBÉM É SEU!**  
Confira a prestação de contas em nosso site: [www.sindsef-sp.org.br](http://www.sindsef-sp.org.br)



## O “divórcio consensual” entre Jair Messias Bolsonaro e Luiz Henrique Mandetta

O “divórcio consensual” mencionado pelo presidente no anúncio da demissão de Mandetta pode ser real ou a serenidade do ex-ministro é tática, o que é mais provável, já que se trata de um político de carreira.

Mandetta não foi escolhido para a pasta da Saúde simplesmente por ser médico ortopedista e assim conferir um caráter técnico ao cargo, mas sim por ter um perfil político ideológico conversador e acreditar que a saúde é para quem pode pagar.

O ex-ministro foi dirigente de plano de saúde e secretário municipal de saúde de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Sempre defendeu os interesses dos planos de saúde privados, posicionando-se contrário à gratuidade e universalidade do SUS e sua substituição por



*“O presidente é extremamente humanista, ele pensa no momento todo o pós-corona.”  
(Luiz H. Mandetta)*

Plano de saúde e secretário municipal de saúde de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Sempre defendeu os interesses dos planos de saúde privados, posicionando-se contrário à gratuidade e universalidade do SUS e sua substituição por

planos “populares”, com cobertura parcial. Tal posição está alinhada à visão de Bolsonaro, que tem como referência os EUA, onde não há sistema público de saúde e milhões de pessoas não podem pagar para ter atendimento nos hospitais. Por lá, o que se vê são recordes diários de mortes pela Covid-19 e milhares de trabalhadores sendo enterrados em gigantes valas comuns.

Quando deputado federal, Mandetta fazia parte da bancada ruralista, historicamente apoiadora de Bolsonaro. Juntos, enquanto deputados foram a favor de diversos ataques aos trabalhadores brasileiros, a exemplo da reforma trabalhista e do congelamento dos gastos públicos por 20 anos através da Emenda Constitucional (EC) nº95. Esta última retirou R\$20 bilhões do SUS desde sua aprovação, além de proporcionar tantos outros cortes em áreas como a ciência e tecnologia, hoje, fundamentais no combate à pandemia.

Como ministro, liderou a criação do programa Médicos Pelo Brasil, que ainda não está funcionando, concebido para substituir de forma gradativa o Mais Médicos.

Mandetta recebeu um “Tchau, querido” porque, ao seguir as recomendações internacionais baseadas na ciência, entrou em choque não apenas com aquele que o nomeou, mas com o poder econômico. Mesmo assim, saiu do governo defen-

do o presidente: “Sei da dificuldade, do peso da dificuldade dele, o peso de decidir em que momento a economia deve retomar sua normalidade”, afirmou. “O presidente é extremamente humanista, ele pensa no momento todo o pós-corona.”

Bolsonaro é um genocida. Sua postura pode causar a morte milhares de brasileiros, assim como ocorreu em todos os países em que as autoridades desdenharam do novo coronavírus, suspenderam o isolamento e tiveram que voltar atrás da decisão. Não se pode subestimar uma pandemia que atingiu lugares inimagináveis e está causando falecimento de gente de todas faixas etárias.





## O novo ministro e a falsa retórica da defesa da vida do povo brasileiro e dos empregos

O novo ministro da Saúde, Nelson Teich, entrou falando que está alinhado com o presidente, afirmou que “a gente tem pouca informação” sobre o novo coronavírus e que está tudo muito “confuso”. Sinalizou que por enquanto será mantida a política de isolamento da equipe de Mandetta, mas que em algum momento vai haver a flexibilização.

A retórica de Teich é que saúde e economia não podem competir entre si, elas têm que andar juntas pela estabilidade econômica. “Se você não tem emprego, isso vai influenciar no investimento em saúde e educação”, disse.

Não é o desemprego que impede o investimento em saúde e educação, mas sim a política neoliberal e de Estado Mínimo adotada pelos governos, que empurra os trabalhado-



res para a informalidade e precarização do trabalho ao mesmo tempo em que desmonta os serviços públicos. No país, são 12,3 milhões de desempregados e 38 milhões de trabalha-

dores informais, segundo dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 31 de março de 2020.

Se realmente a preocupação é com

as vidas e os empregos, por que o Bolsonaro não proíbe as demissões durante a quarentena, como fizeram outros chefes de estado de países até mais pobres que o Brasil?

### Como pensa o novo Ministro da Saúde!

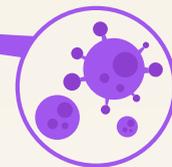
Em vídeo divulgado nas redes sociais, durante fala realizada num evento de oncologia em 2019, Teich defende que, diante de uma suposta limitação de recursos, velhos devem morrer para que jovens possam ser tratados.

Não é essa política que os trabalhadores precisam! O dinheiro é limitado porque é destinado a pagar trilhões aos

banqueiros. Então, ao invés de escolher quem vai morrer, o jovem ou o idoso, escolham deixar de pagar os banqueiros, para que haja mais recursos para que o povo possa viver.

O Sindsef-SP, junto ao Fórum de Entidades Nacionais dos Servidores Públicos (Fonasefe) levanta a bandeira de que TODAS AS VIDAS IMPORTAM.





# FORA BOLSONARO, MOURÃO E TODA CORJA DE GENOCIDAS!

O presidente pode até parecer louco em alguns momentos, mas ele não está sozinho nas suas decisões. Sua política criminosa tem o amparo da extrema-direita e parcela da direita, que inclui a ala militar no governo e as bancadas da bala, evangélica, ruralista e empresários milionários no Congresso Nacional. Neste sentido, convidou para o time um novo ministro que pensa igual.

A intenção de Bolsonaro ao defender o fim do isolamento social faz parte de uma perspectiva de Estado que quer ver o Capital lucrar cada vez mais, mesmo que esse lucro seja em cima das covas de quem movimenta a economia, isto é, dos trabalhadores. Para ele, Mourão e políticos como Trump, pouco importa se você, trabalhador, seus pais, avós e demais familiares vão morrer.

Bolsonaro defende que as aulas sejam retomadas na escola porque não se preocupa que o vírus seja transmitido das crianças para os avós em casa. Lembrando que, se os aposentados morrem, o governo reduz ainda mais os gastos com a previdência!



A política do governo federal, além de quebrar as medidas adotadas pelos governos estaduais, provoca o aumento do contágio e consequentemente, o número de mortes pela Covid-19, mas também, pode agravar a situação deixando os mais vulneráveis com fome e na miséria.

É inaceitável o atraso do pagamento do já insuficiente auxílio emergencial de R\$600 aos trabalhadores informais. O governo criou inúmeros empecilhos para não pagar.

Alegando não ter recursos, para ganhar tempo e elaborar uma forma de beneficiar os bancos, inventou uma Proposta de Emenda Constitucional desnecessária diante do estado de calamidade pública, a PEC 10/2020 (“Orçamento de Guerra”). Na verdade, uma chantagem do ministro da economia, Paulo Guedes, para adotar as medidas emergenciais pois legaliza os mecanismos “atualmente ilegais” de geração de dívida pública.

Junto ao Congresso Nacional, Bolsonaro e sua equipe tiveram a capacidade de aproveitar a pandemia para aprovar ataques aos trabalhadores, como a redução de até 50% dos salários e suspensão dos

contratos de trabalho e, na calada da noite, a carteira verde e amarela (Medida Provisória 905). A MP 905, sob o pretexto de reduzir encargos trabalhistas para empresas e, assim, estimular a geração de empregos, visa eliminar os direitos trabalhistas e benefícios como o FGTS.

E não para por aí. Após o fracasso da proposta do Partido Novo para cortar os salários dos servidores através da PEC 10 uma nova ameaça ao funcionalismo é o congelamento salarial por “alguns anos”, tendo como justificativa os “tempos de crise, como o vivido hoje devido à pandemia de coronavírus”.

Entretanto, é possível enfrentar a crise sem onerar os trabalhadores tanto do setor privado, quanto do serviço público. O Sindsef-SP, junto ao Fonasefe e à CSP-Conlutas, tem mostrado algumas alternativas, como: suspensão do pagamento da dívida pública e auditoria, revogação da EC 95 do “teto dos gastos”, taxação das grandes fortunas e cobrança dos impostos sonegados por setores e pessoas com capacidade contributiva expressiva.

Infelizmente, enquanto outros países enfrentam com a devida seriedade a pandemia, o Brasil enfrenta vírus, talvez, piores que o corona: Jair Bolsonaro, Hamilton Mourão e uma equipe de governo criminosos, desumanos e genocidas!

Por isso, é preciso arrancar essas toxinas do comando do país, mantendo a mobilização nas redes sociais, por e-mail aos parlamentares, abaixo-assinados, painéis e qualquer forma de manifestação que a condição de isolamento permita.

Não é hora de ir às ruas, mas é hora de gritar: Fora Bolsonaro, Mourão e toda corja de genocidas!





## O Brasil tem dinheiro para combater a pandemia?

O Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindifisco) responde essa questão mostrando que, sim, é possível enfrentar a crise sem onerar os trabalhadores tanto do setor privado, quanto do serviço público. Segundo o auditor fiscal Kleber Cabral, os governos observam as despesas, mas ignoram a receita, que pode ser maior a partir de algumas medidas tributárias justas.

“Se você analisar o orçamento da União, de um lado tem as despesas e do outro as receitas. De fato, esse orçamento está desequilibrado desde 2014, com vários anos seguidos de déficit fiscal. Mas, ocorre que esse governo, e os anteriores também, só olha para as contas do lado das despesas e aí vêm todos aqueles cortes que nós estamos cansados de saber, a reforma da previdência e todos os demais ajustes do lado das despesas. Mas não há nenhum interesse, infelizmente, para o lado da população e para nós, auditores, para o lado



das receitas. Em termos de arrecadação, nós temos um sistema tributário muito injusto, onde os verdadeiros milionários e milionárias muito pouco pagam. Quem paga mais imposto, proporcionalmente, é a população mais pobre e a classe média. Além disso, há uma sonegação muito cristalizada, infelizmente, na cultura e na prática do nosso país”, explicou Kleber Cabral.

Segundo o auditor, as estimativas de sonegação dão conta de que 27% do valor arrecadado é sonegado. So-

mente em âmbito federal, esse valor chega a R\$400 bilhões. Se a sonegação fosse reduzida pela metade, isto é, R\$200 bilhões por ano, já seria mais do que suficiente para enfrentar todos os desafios que o país tem. Para ele, a legislação tributária brasileira é muito leniente com a parcela de contribuintes que sonega os impostos, o que termina incentivando essa prática.

O Sindifisco conhece bem o processo de arrecadação financeira desse país e tem estudos que apontam

soluções para o tão falado buraco nas contas do Brasil. Na primeira semana de abril, publicou um documento em que aborda medidas tributárias emergenciais para o enfrentamento ao coronavírus, a partir da premissa de que há setores e pessoas que, apesar da crise, têm uma capacidade contributiva expressiva e que pouco ou nada estão pagando. Ao mesmo tempo, o estudo do sindicato apresenta preocupação em desonerar as empresas de pequeno porte com a contrapartida da manutenção do emprego, que é fundamental não só para os trabalhadores, mas para a retomada da economia do país.

O sindicato nacional mostrou que é falsa a narrativa construída pela imprensa, parlamentares e pelo governo de que a solução para a crise é cortar salários de servidores. “Nós estamos mostrando que há soluções que, claro, dependem de ter coragem para enfrentar o poder econômico e colocar os pingos nos is”, disse o representante.

## Qual é a situação do Brasil para enfrentar a Covid-19?

Os sistemáticos cortes de investimento do serviço público ficaram mais perceptíveis agora, mas já vinham sendo sentidos pelos servidores públicos nos últimos anos.

O desinvestimento por parte do governo federal dificulta que a ciência e tecnologia brasileira e o SUS possam responder à altura o que o momento de calamidade diante da pandemia exige. As pesquisas estão sendo feitas com uma condição material aquém do necessário; os profissionais da saúde trabalhando sem equipamentos de proteção básicos; os hospitais sem respiradores e leitos suficientes; os empobrecidos dependendo da solidariedade de classe para se manterem vivos. Tudo isso é fruto da política de Estado Mínimo que

vem sendo adotada. Ainda assim, é com o serviço público que a população pode contar.

O dirigente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Fiocruz (Asfoc), Paulo Garrido, destacou a importância da Fundação Oswaldo Cruz e seus servidores nessa conjuntura: “Trabalhadores da Fiocruz estão engajados no enfrentamento à pandemia. Estamos na linha de frente das ações, na produção, controle, monitoramento, avaliação e divulgação das informações confiáveis. A Fiocruz tem uma diversidade muito grande. Nós estamos nos destaques em cada área de nossa atuação: pesquisa, desenvolvimento, ensino, assistência, produção. Posso destacar aqui as ações nos laboratórios de re-



Com saúde em crise, pacientes esperam atendimento no chão no Ceará

ferência e os testes de diagnóstico”.

Garrido contou que a Fundação está construindo um centro hospitalar para o enfrentamento à Covid-19 e terá como missão a coordenação nacional dos estudos e pesquisas sobre

a doença. Para ele, é um momento de afirmação da missão do funcionalismo que vai desde proteger e fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) à não abrir mão do compromisso de salvar vidas.



# VIDA ACIMA DO LUCRO!

## Em defesa dos serviços públicos e dos servidores públicos para combater a Covid-19!

**A** pandemia do novo coronavírus é um momento desafiador para as entidades representativas dos servidores públicos, porque em meio à necessidade de isolamento social, é preciso manter a mobilização contra os ataques ao funcionalismo nas três esferas: federal, estadual e municipal.

Diante disso, o Fonasefe (Fórum Nacional das Entidades do Serviço Público Federal) está realizando ações de campanha que tem como eixo a vida acima do lucro e a defesa dos serviços e servidores públicos para combater a Covid-19. Entre as ações do fórum estão a criação de abaixo-assinado, pressão sobre os parlamentares e a realização de transmissões ao vivo toda quinta-feira, às 18h, pelas redes sociais.

Os representantes do Fonasefe entendem que esse momento de pandemia não pode servir para desmobilizar os servidores. É necessário manter a mobilização possível diante do isolamento social. As entidades de classe



estão preocupadas em preservar todas as vidas, em especial dos segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora, que são aqueles que os governos, principalmente o governo federal, não tem nenhum melindre de relegar à própria sorte. As pessoas em situações mais vulneráveis são justamente aquelas que mais precisam dos serviços públicos. Entendem que o Congresso Nacional e o Executivo querem aproveitar esse momento em

que os trabalhadores não podem ir à rua e fazer manifestações para reduzir os salários e praticar o assédio moral. Como, exemplo, citaram a tentativa do Partido Novo de incluir o corte salarial na Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 10 e a publicação da Instrução Normativa nº28 pelo governo federal. O Fonasefe se posiciona de forma contrária a essa instrução que obriga o teletrabalho, independente da condição e suspen-

de benefícios, como se os servidores tivessem escolha diante do estado de calamidade pública. Ninguém está em casa porque quer, mas sim porque a situação exige, seguindo orientações das próprias autoridades de saúde. A redução salarial proposta na chamada PEC da Guerra se soma à usurpação do salário já vivida pelos servidores no mês de abril através da reforma da previdência, aprovada sob a falcia do déficit previdenciário.

Note-se que desde Fernando Henrique Cardoso, passando por Lula e Bolsonaro foram aprovadas reformas da previdência para acabar com o suposto rombo das contas públicas, mas isso nunca foi resolvido, por uma série de motivos, como o fato de os governos desviarem os recursos da seguridade para favorecer os bancos. Paralelamente, alegam que é preciso reduzir os gastos públicos e aprovam outras medidas, a exemplo da Emenda Constitucional (EC) 95/2016, chamada de “teto dos gastos”, que congelou os gastos públicos por 20 anos.

## Pesquisadores da Fiocruz que testaram efeitos da cloroquina recebem ameaças

A Fiocruz divulgou nota de apoio a pesquisadores que desenvolvem estudos sobre cloroquina.

Os pesquisadores vem sofrendo ataques nas redes sociais, após divulgação de resultados preliminares do medicamento em pacientes graves com Covid-19.

Os primeiros resultados mostraram que a letalidade no grupo de pacientes com Covid-19 testado, em estado grave, foi de 13% (de 81 doentes internados que tomaram o medicamento, 11 morreram).

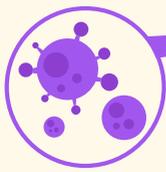
De acordo com o documento da instituição, o estudo vem sendo realizado por mais de 70 pesquisadores, estudantes de pós-graduação e colaboradores de diversas instituições: Fiocruz, Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado, Universidade do Estado do Amazonas e Universidade de São Paulo.

Ainda de acordo com a instituição, a segurança dos funcionários é fundamental neste momento.

“A Fiocruz tem trabalhado in-

cansavelmente em diversas frentes de atuação e vem a público clamar pela tranquilidade e segurança de seus pesquisadores, requisitos essenciais para o desenvolvimento de seus estudos. É fundamental alertar que a busca por soluções não pode prescindir do rigor científico e do tempo exigido para obtenção de resultados seguros e que as pesquisas devem se manter, portanto, fora do campo narrativo que constrói esperanças em cima de respostas rápidas e ainda inconclusivas.”





## Nem corte, nem congelamento salarial! Por valorização dos servidores públicos!

**C**om a rejeição da ideia do Novo de redução salarial do funcionalismo através da PEC 10 (“Orçamento de Guerra”), uma nova ameaça ao funcionalismo passou a ser o congelamento salarial por “alguns anos”. A medida, defendida pelo secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, no dia 14 de abril, também tem como justificativa os “tempos de crise, como o vivido hoje devido à pandemia de coronavírus”.

Mais uma vez, o governo pretende jogar a conta da crise nas costas dos servidores públicos, para não afetar os lucros dos ricos. A equipe econômica estuda proibir reajustes para conseguir arcar com os gastos urgentes para contenção da pandemia, como criação de auxílios e isenção de impostos.

“Acho que os servidores vão aceitar esse sacrifício, em prol da sociedade, de uma conta grande que a gente vai ter que pagar”, falou o secretário ao Correio Braziliense. “Confio muito no bom senso das pessoas”, completou sem o menor pudor. Não vamos aceitar esse sacrifício! Nem confiamos no bom senso desse governo!

Mansueto argumentou que a proposta “não é queda de salário, é suspensão de aumento por alguns anos”, sem nenhum corte. Isso não é verdade. Se não houver reajuste, os servidores terão uma queda salarial, considerando a inflação acumulada, como, aliás, já vem ocorrendo, pois os reajustes conquistados por meio de greves não cobrem as perdas salariais, ainda que tenham sido importantes vitórias frente à política de reajuste zero dos últimos governos.



**ALERTA:** É preciso que os servidores fiquem atentos às propostas de emenda à Constituição durante o período de isolamento.

Quando a PEC 10 foi apresentada, surgiram as emendas 4 e 5 referentes à redução salarial do funcionalismo. Isso não prosperou, porém, a PEC foi aprovada rapidamente, sem respeito aos trâmites, etapas que passam pela Comissão de Constituição e Justiça, prazos para relatórios, número de sessões etc.

O processo legislativo existe para garantir o debate entre os parlamentares, diálogo entre parlamento e sociedade e inibir iniciativas oportunistas, como aquela levantada pelo Partido Novo. A aprovação da PEC 10 abriu um precedente perigoso para toda a sociedade, tratando-se de uma alteração Constitucional.

Na avaliação da Associação da Auditoria de Controle Externo do Tribunal de Contas da União (AUD-TCU), a PEC 10 é desnecessária. Diante da aprovação do estado de calamidade pública, o governo pode descumprir a regra de ouro e emitir títulos para cobrir despesas correntes acima dos gastos com in-

vestimentos e capital. Isso pode ser feito por meio de lei ordinária ou lei complementar.

Portanto, a criação de PECs pode ter como pano de fundo aprovar novas medidas de retirada de direitos, desmonte do Estado e favorecimento de grandes empresas e bancos.



Lucraram R\$ 63 bilhões em 2019, mas pouco ou nada aparecem nas iniciativas de doações para a luta contra o coronavírus



## O Coronavírus e a questão racial

**A** imensa desigualdade social existente no Brasil, torna o país um forte candidato para uma explosão colossal da Covid-19. Contudo, os efeitos não serão iguais para todos os que sofrem com a desigualdade. Levantamentos, do Ministério da Saúde, já mostram que a letalidade da doença é maior entre a população negra. Esse indicativo aponta que negros e negras compõem o grupo de risco para contágio do novo coronavírus.

Antes, cabe registrar que o número de negros hospitalizados pela Covid-19 é inferior ao número de brancos. Mas a situação muda quando se analisam os óbitos. E por que isso acontece?

A combinação de exploração e opressão do capitalismo certamente é responsável pelo alto número de mortes por Covid-19. Mas é preciso voltar um pouco no tempo para explicar melhor essa afirmação.

Não é exagero afirmar que tudo teve início com a escravização dos povos africanos no Brasil Colônia. Transporte em navios negreiros de milhões de pessoas sequestradas do continente africano, anos de escravidão e maus tratos podem ser a causa de algumas comorbidades, que atingem grande parte do povo negro.

Obesidade, diabetes, hipertensão e anemia falciforme são doenças pré-existentes que, mesmo antes do coronavírus, já tirava a vida de negros e negras. Essas doenças, podem ter sido adquiridas naquele período e, de alguma forma, tornaram-se hereditárias. Por isso, pesquisadores e lideranças de movimentos sociais consideram que o quadro atual é motivado por questões históricas, políticas e sociais.



A Anemia Falciforme, uma doença genética e hereditária, que acomete principalmente o povo negro, merece um destaque, antes de tratarmos da Covid-19. Desde as primeiras pesquisas relacionadas à doença falciforme até a implementação de políticas públicas voltadas para o tratamento da mesma, registra-se um intervalo de 92 anos. Essa lacuna, de quase um século, muito superior ao de outras doenças com menor incidência, evidencia o racismo sofrido por aqueles que mais sofrem com as complicações da doença.

“Muitos negros sequer sabem que podem ter esta doença. Isso porque durante anos, no Brasil e no mundo, não havia pesquisas ou estudos sobre esta doença porque consideravam não ser importante já que era uma doença de negros”, observa Ana Gori, servidora do Ipen e diretora do Sindsef-SP.

Essa constatação é uma contundente prova da existência do racismo estrutural, que dificulta a vida de negros e negras. Ser portador de doenças pré-existentes, pode levar a

óbito, em caso de contágio do novo coronavírus. Mais uma vez, o racismo vai ceifar a vida de milhares de negros e negras se não houver uma mudança radical na sociedade visando conter a pandemia que assola o mundo.

No Brasil, a primeira leva de contágio atingiu as famílias de classe média, mas quem morreu primeiro foi uma empregada doméstica, que não foi liberada do trabalho pela sua

patroa, recém chegada da Europa e que estava em isolamento por ter testado positivo para a doença.

“Difícil não culpar a sociedade e todos os sistemas econômicos que já existiram, no Brasil e no mundo, por permitir que a diferença da cor da pele transformasse homens livres em negros escravizados para gerar lucros e economia a estes países e sua sociedade burguesa”, reflete Ana Gori.





# Isolamento Social e prevenção

O isolamento e o distanciamento social têm sido a estratégia mais eficaz para conter o avanço da pandemia, somada a higienização das mãos, seja com água e sabão ou com álcool em gel. Mas, as medidas de prevenção adotadas pelo governo até aqui não contemplam de forma igual os diferentes nichos da sociedade.

Manter distanciamento social é uma missão praticamente impossível para o povo negro, que compõe a maioria das pessoas que dividem moradias insalubres, enfrentam transportes lotados, são maioria da população carcerária e da população

de rua e estão nos postos de empregos mais precários.

A questão da moradia é agravada, pois na maioria das casas vários membros da família ocupam o mesmo espaço, convivendo diuturnamente com a aglomeração. Além disso, milhões de pessoas não têm acesso à água encanada, enquanto tratamento de esgoto é um luxo distante para 48% dos brasileiros. Esses dados tornam inalcançável a simples recomendação de lavar as mãos com água e sabão frequentemente. Como realizar a higienização das mãos, se nem mesmo há água potável para toda a população?



E como ficar em casa, quando é necessário ir diariamente para a rua enfrentando trem e/ou ônibus lotado, em busca do pão de cada dia para alimentar seus filhos? Seja para trabalhar como informal ou para outros trabalhos precarizados, como motoristas de ônibus, garis, faxineiros, coveiros, dentre tantas profissões, que têm em comum as baixas remunerações, sem ter, nem mesmo, os mais básicos benefícios sociais.

Negros e negras também são maioria entre a população de rua, pessoas invisibilizadas, que tentam se proteger do frio usando uma lona. Essa parcela da população, enfrenta o coronavírus sem acesso as mínimas medidas de prevenção. Não há casa, nem água, sabão ou álcool em gel.

Se as desigualdades sociais sempre são relevantes para o agravamento de surtos de diferentes doenças, não seria diferente nessa pandemia. Esse é um fator de grande preocupação, pois a proliferação poderá ser explosiva nas favelas, periferias e ocupações.



## MELHOR EXPLICAÇÃO:

João se infecta hoje. Mas ele só saberá com 14 dias, após desenvolver os sintomas. Enquanto isso, João acredita que está bem e acaba infectando outras 10 pessoas que só saberão após 14 dias, ao desenvolverem os sintomas. Essas 10 pessoas acreditam que estão bem e vão à praia e acabam infectando outras 100 pessoas, que só perceberão após 14 dias. Ninguém sabe quem está bem! Por isso é preciso todo mundo lavar as mãos o tempo todo, higienizar tudo em que encosta e **ficar em casa!**

## PRECISAMOS RECEBER DO GOVERNO UMA RENDA MÍNIMA PRA SOBREVIVER.

**SUSPENSÃO DO PAGAMENTO DE ÁGUA E LUZ! GARANTIR GÁS, PRODUTOS DE HIGIENE E DE PROTEÇÃO DE GRAÇA NA QUEBRADA!**

## O GOVERNO NÃO TÁ NEM AÍ PRA NÓS!



**É SE ORGANIZAR NO BAIRRO, TER MUITA SOLIDARIEDADE E SE PROTEGER E EVITAR UM NÚMERO MUITO GRANDE DE MORTES!**

## A IMPORTÂNCIA DO ISOLAMENTO SOCIAL



	EM 5 DIAS	EM 30 DIAS
<b>COMPORTAMENTO NORMAL</b> 1 PESSOA INFECTADA	2,5 PESSOAS	406 PESSOAS
<b>50% A MENOS DE CONTATO</b> 1 PESSOA INFECTADA	1,25 PESSOAS	15 PESSOAS
<b>75% A MENOS DE CONTATO</b> 1 PESSOA INFECTADA	0,6 PESSOAS	2,5 PESSOAS



## Naturalização do risco de morrer

A Covid-19 apresenta novos riscos, e intensifica outros já existentes, afluindo o drama cotidiano das comunidades carentes. Estatísticas recentes do DataFavela, instituto de pesquisa associado à Central Única das Favelas (Cufa) e ao Instituto Locomotiva, indicaram que metade dos trabalhadores que vivem nas favelas brasileiras não possuem vínculos empregatícios formais: 47% são autônomos, 10% são aposentados, 8% são empregados mas não têm carteira assinada, 5% são donas de casa. Só 19% são contemplados pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). O instituto também apontou que 7 em cada 10 famílias já registraram diminuição na renda, desde que o isolamento social foi instituído como a melhor estratégia para enfrentamento do coronavírus.

É muito difícil conscientizar pessoas que lidam, desde sempre, com o risco de morrer. Em dias de tiroteios e operações policiais, as rotinas não mudam, pois o patrão não libera. O dinheiro para colocar comida em casa depende do trabalho.

Neste cenário, onde o povo é chamado, pelo chefe maior da república, a deixar suas casas para impulsionar a economia, novamente os negros serão os que mais irão chorar seus mortos. É bem provável que a situação do Equador, com hospitais e cemitérios em colapso, faltando vagas para os vivos e para os mortos vítimas da grave pandemia, se repita nas terras tupiniquins.

Levantamento do IBGE, disponibilizado em outubro de 2019, demonstra que a concentração de renda voltou a piorar e o índice que mede a desigualdade foi o maior da série histórica, iniciada em 2012. Segundo o estudo, o rendimento do grupo de 1% dos brasileiros mais ricos cresceu, já o da população mais pobre encolheu.

Isso significa, que o avanço da Covid-19 entre os mais vulneráveis, escancara a perversidade dessa sociedade capitalista. Milhares morrerão, porque aqueles que detém a riqueza não se importam hoje e não se importavam antes. Qual o valor da vida nesse cenário de incertezas?

A resposta varia de acordo com quem a responde. Para a classe trabalhadora, em especial aqueles mais vulneráveis, a vida não tem preço e eles se unem, se auto-organizam para não perder ninguém, nem pro vírus nem pra fome, que há muito tempo os rondam.

Diante das condições inadequadas, seja de renda ou sanitária, movimentos populares tomam a dianteira para suprir as necessidades das populações carentes e suprir a ausência do Estado e enfrentar a situação que piorou, e muito, com a chegada do novo vírus.



A máxima quem tem fome tem pressa foi a tônica dessas iniciativas. Cientes que não dá para aguardar, enquanto famílias estão desassistidas, movimentos locais buscam conscientizar moradoras e moradores das mais diversas formas: informações por meio de áudios e carros de som, coleta e distribuição de doações de alimentos, produtos de higiene e limpeza, equipamentos de proteção, organização de espaços de atendimento. Essas iniciativas são registradas em importantes capitais, como São Pau-

lo, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras.

Em São Paulo destacamos o trabalho feito pelo Luta Popular, movimento filiado à CSP-Conlutas, que distribui cartilhas com informações e orientações de como enfrentar o coronavírus, arrecada dinheiro para doação de alimentos e produtos de higiene pessoal e limpeza e promove a auto-organização das moradoras e moradores. Também cumpriram um importante papel na divulgação de informações para o acesso ao auxílio emergencial do governo federal. O Luta Popular organiza ocupações como a Esperança, Queixadas, Jardim União.

Outra iniciativa que merece ser resgatada é da Associação de Moradores de Paraisópolis, que contratou ambulâncias e médicos e criou um esquema comunitário de socorro e atendimento. Batizada de Comitê dos Bairros, integra um plano de ação contra a Covid-19, que inclui a locação de duas vans para transporte de mantimentos e a compra de uma ambulância, que depois pretendem doar para a rede pública.

O momento exige união e solidariedade, características sempre presentes no dia a dia dos mais humildes através das mobilizações populares. Mas é preciso que os governantes promovam ações efetivas para enfrentar essa pandemia, com políticas que atendam às necessidades dos diferentes grupos.

**COLABORE COM A SOLIDARIEDADE ENTRE OS DE BAIXO:**

**ADQUIRA E DOE UM KIT DO CAMPO PARA A CIDADE EM SP**

\*KIT DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS PRODUZIDO PELA AGRICULTURA FAMILIAR

**R\$ 30**

**DEPÓSITO:**  
BANCO DO BRASIL  
AG . 4752-X  
CC. 17850-0  
DANIELA ALMEIDA EMBON  
CPF: 318.051.508-20

PARA MAIS INFORMAÇÕES: 11 98541-3914 - AVANA OU 11 98269-6929 - IRENE

**LUTA POPULAR** **CNAFAM** **CSP Conlutas**



## Proteção aos Quilombolas



A situação das comunidades quilombolas é de extrema vulnerabilidade, já que nesses territórios a infraestrutura médica é insuficiente para prestar o atendimento necessários nesse contexto de pandemia. A guerra para reduzir a disseminação do vírus expõe um quadro, já ruim, de ausência das políticas públicas nessas áreas, onde falta inclusive água potável.

A gravidade da situação exige dos governos em todas as instâncias (municipais, estaduais e federal) que atuem preventivamente para que as

comunidades quilombolas tenham o menor impacto possível. A orientação de isolamento deve ser tratada de maneira diferente para cada comunidade, já que há povos que vivem em centros urbanos e outros, mais afastados.

Em 11 de abril, em Macapá/AP, foi registrada a primeira morte de quilombola. Dados, divulgados pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Rurais Quilombolas (Conaq), apontam casos de contágio nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro.

## Sistema Único de Saúde

O Sistema Único de Saúde – SUS, com seus limites e contradições, mesmo sendo sucateado ano após ano, governo após governo, será a salvação desses que foram, de diferentes formas, abandonados à própria sorte. No entanto, o SUS também está adoecido e precisa de investimentos para dar conta desse desafio.

Se o Estado investisse percentuais que dessem conta de garantir os vários campos que envolvem a atenção à saúde, passando pela assistência, a vigilância epidemiológica e sanitária, o desenvolvimento



### A ignorância dura até surgir um caso na família



científico e tecnológico e a produção de insumos para a saúde, o sistema estaria mais forte para dar respostas nesse momento.

No Brasil, o contágio se intensificou meses após já estar disseminado por vários países, tempo que deveria ter servido para estruturar o SUS para enfrentar essa pandemia. Mas, não estamos preparados

e, pior, temos à frente do país um presidente que abertamente valoriza mais a economia do que a vida.

Em mais de um país, chefes de nações incentivaram a população a sair do isolamento, para trabalhar e não deixar a economia parar. Porém, recuaram dessa postura ao observar o crescimento desenfreado de casos e de mortes, superlotação

de hospitais e dos necrotérios. Não podemos permitir que a política genocida de Bolsonaro nos arraste para a mais completa barbárie, com milhares e milhares de mortos! Já basta! Hoje o maior empecilho para o combate ao Coronavírus é o presidente. Derrubá-lo tornou-se questão de vida, ou morte! Fora Bolsonaro, Mourão e toda sua corja!